



Anais do V Congresso Nacional de pesquisadores em Dança
ANANDA 2018 / Manaus
ISSN 2238-1112

Para citar esse documento:

KATZ, Helena. Dança, robôs, desigualdade: como refundar a sociedade do comum. *Anais do V Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança*. Manaus: ANANDA, 2018. p. 760-771.

Ananda associação nacional de
pesquisadores em dança

www.portalanda.org.br



DANÇA, ROBÔS, DESIGUALDADE: COMO REFUNDAR A SOCIEDADE DO COMUM

Helena Katz *

RESUMO: O convívio com robôs, drones, carros sem motoristas, eletrodomésticos que se auto-regulam, etc, começa a se expandir, e os prognósticos dizem que, em breve, o mundo será bem diferente deste no qual vivemos hoje. Evidentemente, a dança não fica indiferente a mudanças tão profundas. As relações entre tecnologia e corpo ganham outras configurações e, para compreendê-las, podemos recorrer aos conceitos de Geontopoder (POVINELLI, 2016) e também de Chtulesceno, que Haraway (2016) propõe para substituir o Antropoceno. Como relacionar tais entendimentos com a dança que se produz agora, no ambiente em rápida transformação no qual vivemos? O conceito de comum, proposto por Dardot e Laval (2017), pode ajudar para que tecnologia e leituras políticas sejam praticadas como complementares. Que papel a dança pode tomar para si nesta proposta?

PALAVRAS-CHAVE: dança e tecnologia. comum. geontopoder. chthulusceno.

DANCE, ROBOTS, INEQUALITY: how to refund the society of the common

ABSTRACT: Living with robots, drones, cars without drivers, self-regulating appliances, etc., begins to expand, and prognoses say that in less than five years the world will be very different from the one we live in today. Of course, dance is not indifferent to changes as profound as those that happen when people and things change ontological status (Esposito, 2015). The relations between technology and biology gain other configurations and to understand them we can use the concepts of geontopower (POVINELLI, 2016) and Chtulesceno, which Haraway (2016) proposes to replace the Anthropocene. How to deal with the dance that takes place in this environment without contextualizing it in the perspective of these understandings? The concept of common, proposed by Dardot and Laval (2017), can help to make technology and policy readings complementary. What role can dance play in this proposal?

KEY WORDS: dance and technology. common. geontopower. chtulesceno.

Realização:



Apoio:



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





Alerta: este não é um artigo que prioriza a articulação entre dança e tecnologia. A proposta aqui é a seguinte: 1) elencar parte do que compõe o atual estágio da nossa relação com a tecnologia (convivência com robôs, Inteligência Artificial, Internet das Coisas, máquinas que conversam entre si, Sociedade 5.0, realidade aumentada etc); 2) perguntar sobre a relação disso com a ausência do comum (DARDOT E LAVAL, 2017) entendido enquanto um princípio político; e 3) pensar criticamente a possibilidade da dança colaborar para refundar a experiência que nos torna comuns.

Para isso, será necessário identificar o papel que o capitalismo vem desempenhando na separação entre vivo e não-vivo. Começaremos detectando que o Antropoceno se co-compõe com o Capitoleceno, com o Geontopower e com o Chthulesceno, e que, em conjunto, desenham o ambiente em que se faz dança agora. Nele vamos pensar porque nos distanciamos tanto das práticas do comum, como os novos hábitos que nos constituem interferem nas condições de produção de dança, promovendo os cenários nos quais estamos imersos hoje.

Vamos começar por Dardot e Laval (2017). Esses autores nos ensinam que o capitalismo não se deixa abalar pelas crises e desastres que produz. Estamos acompanhando o ódio xenofóbico se espalhar pelo planeta e a concorrência se naturalizar como se fosse um comportamento a ser praticado por todos. O sucesso pessoal passa a ser o único modo de existir aceitável. Estamos afastados das práticas do convívio. Compartilhar passou a ser sinônimo de reenviar *post* e 'memes' que recebemos nas redes sociais. Manifestar afeto se restringe a escolher quais sinais gráficos serão agregados às mensagens que enviamos.

Somos sujeitos marcados pelas horas que passamos em frente às telas, que atuam como uma espécie de "treinamento", jamais interrompido, pois não cessam à noite, nos finais de semana, ou nas férias. E, como tudo que se repete com esse tipo de disciplina, o que dela resulta aparece no corpo, mesmo quando não estamos na frente das telas. Podemos identificar traços novos em nossos pensamentos e ações, ecoando os novos hábitos cognitivos que agora nos constituem. Além das telas, convivemos com robôs cada vez mais humanizados, e já

Realização:



Apoio:



SECRETARIA DE CULTURA



MANAUSCULT



Fomento:





habitamos um mundo no qual os objetos estão conectados e conversam entre si (batizado de Internet das Coisas).

Esse novo corpo é o que faz e assiste dança, em uma sociedade cada vez mais vigiada, na qual as humanidades vêm perdendo verbas e espaço para continuar a existir. Vivemos em um país colocado entre os 5 mais desiguais do mundo, segundo o mais recente relatório divulgado pela ONU (janeiro de 2018). Aqui, segundo o censo escolar do Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Anísio Teixeira – INEP (CARLOS, 2018), 10 mil escolas de ensino infantil (0 a 6 anos) não têm água, esgoto e nem energia elétrica, e 11 mil escolas de ensino fundamental (6 a 14 anos) não têm banheiro. Não somos levados a relacionar os avanços da tecnologia (geralmente, apenas associados às benesses da vida moderna) e a contínua produção de pobreza e de vulnerabilidade.

Para construir essa ligação, pode-se começar perguntando se os dois termos gregos que identificam a vida e que se popularizaram recentemente - *bios* (o viver qualificado de um indivíduo ou de um grupo) e *zoè* (o viver comum a todos os seres vivos: animais, homens ou deuses) - ainda nos ajudam a compreender o que vem acontecendo, ou se cabe ampliar a designação de *zoè* para, por exemplo, *geos*, de modo a explicitar as tantas outras formas de vida, que aí precisam caber. Atenção: essa divisão entre as formas de vida é a que continua a sustentar a separação entre as ciências humanas e as ciências naturais, e, dentro das ciências naturais, circunscreve a Biologia e a Zoologia.

Sucedem que os robôs se distinguirão cada vez menos de nós, pois já são revestidos de pele, falam conosco porque já têm voz, agem com a inteligência artificial que os opera, ou seja, eles agora trazem outros contornos para a separação que, até então, vigorava entre o vivo e o não-vivo e o estatuto ontológico que a sustentava. A oposição vida x morte, que vinha guiando nossos entendimentos de biopolítica, parece não dar mais conta.

O conceito de vida, como entendido no que se chama de Ocidente, não é médico-científico, mas filosófico-político e, nestes novos tempos em que estamos, pede por atenção, pois a “máquina biopolítica” que havia capturado a vida (AGAMBEN, 2017, p. 221-229)

Realização:



Apoio:



GOVERNADOR
EMERSON DE OLIVEIRA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT
Cultura e Artes de Manaus



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





continuou se transformando. Na segunda metade do século XX, a medicina aprende a reanimar corpos e a separar a vida vegetativa das funções vitais, fazendo com que a oposição vida x morte ganhasse outros contornos. Para Agamben (2017), é a língua que vai separar o homem (*bios*) dos outros viventes (*zoè*) porque o torna humano. A língua fratura o vivente e o falante. Não se trata da conjunção entre o ser vivo e a linguagem, mas sim do fato “prático e político da sua separação” (AGAMBEN, p.234). Para ele, a cisão entre o cidadão e o homem, apontada por Marx, passa a ser ocupada pela separação entre a vida nua (*zoè*) e as formas de vida (*bíos*) materializadas em diferentes papéis jurídico-sociais (o estudante, o trabalhador, a travesti, o velho, a mulher etc). Concorde com Foucault na tese de que a política se transformou em biopolítica (que faz da *zoè* o objeto da sua política), mas percebe a necessidade de se questionar o conceito biológico de vida com o qual o capitalismo lida hoje, incluindo um terceiro termo na dualidade: *zoé* – *bios* - forma de vida¹.

... a própria captura da vida nua, que o soberano podia efetuar, em certas circunstâncias, sobre as formas de vida, agora é maciça e cotidianamente realizada pelas representações pseudocientíficas do corpo, da doença e da saúde e da “medicalização” de esferas cada vez mais amplas da vida e da imaginação individual (AGAMBEN, 2017, p.236).

O corpo, ao longo da história, vem materializando o alargamento de *zoè*² até reunir “a inteira gama de significados que confluirão no termo moderno ‘vida’” (AGAMBEN, 2017, p.241), fazendo coincidir a vida que vive com a vida pela qual vive (AGAMBEN, 2017, p.253). Este texto propõe que a dança, por não separar a vida das formas que ela toma, pode nos ajudar a lidar com a borração nas fronteiras entre viventes e inertes que agora ocorre. E aponta também para a urgência em não correr o risco de continuar a pensar a dança com os padrões de um mundo em desaparecimento.

Se na Grécia clássica, a atenção ia para o artista, e na modernidade, o foco vai para a obra, não causa estranheza que a arte contemporânea tenha trazido a vida para essa conversa.

¹ Agamben explica a forma de vida como inseparável do contato com o seu contexto, como “um viver o próprio modo de ser” (ibidem, p,259).

² *Zoè* não é sinônimo de vida natural, mas de vida cindida da sua forma, aquela que se pode matar sem cometer homicídio.



E é justamente aí, nessa passagem da ênfase na obra para a ênfase na vida que os recentes contextos produzidos pela tecnologia se inserem.

O pintor, o poeta, o pensador – e, em geral, qualquer um que pratique uma *poiesis* e uma atividade - não são os sujeitos soberanos de uma operação criadora e de uma obra; eles são, sim, seres vivos anônimos que, tornando todas as vezes inoperosas as obras da linguagem, da visão, dos corpos, procuram fazer experiência de si e constituir sua vida como forma-de-vida (AGAMBEN, 2017, p.277)

Como lidar com os novos corpos que povoam o mundo: geontopower e chthulusceno.

Assim como Michel Foucault percebeu mudanças, ao longo da história, na lógica que sustenta o poder (e deu um curso sobre isso, no Collège de France, entre 1977 e 1978, chamado de **Sécurité, Territoire, Population**, depois transformado em livro³), cabe perguntar se a separação que propôs, há cerca de 40 anos, entre poder soberano, poder disciplinar e biopolítica, continua dando conta de descrever o tipo de Estado no qual vivemos hoje, quando governos, ao mesmo tempo, fazem viver, deixam morrer e matam (POVINELLI, 2006, p.8), ou seja, quando aquelas três formas de poder descritas por Foucault passam a ser praticadas simultaneamente. Foucault havia explicado que o soberano fazia morrer e deixava viver, e que a biopolítica fazia viver e deixava morrer, referindo-se à mudança ocorrida a partir do século XVIII, com a introdução do poder de disciplinar os corpos. A partir desse poder, a biopolítica se estabeleceu como “um conjunto de mecanismos, através dos quais as características biológicas básicas da espécie humana haviam se tornado o objeto de uma estratégia política, de uma estratégia geral de poder” (FOUCAULT, 2008).

Vinte anos antes, Hannah Arendt já havia atentado, por outro ângulo, para o mesmo fato. Descreveu o nascimento de um “estado liberal social”, no qual o *homo oeconomicus* estava se sobrepondo ao político. O “espaço da necessidade” (tudo o que tinha a ver com a vida biológica, e que era do domínio do privado) se misturara com o “espaço público” (o das deliberações

³ O livro, editado por Michel Senel, sob a direção de Francois Ewald e Alessandro Fontana, para a *Éditions de Seuil*, foi traduzido pela Martins Fontes, em 2008

Realização:



Apoio:



SECRETARIA DE CULTURA



MANAUSCULT



Fomento:





políticas), produzindo um Estado capaz de dominar todos os âmbitos de existência dos corpos, do biológico ao psicológico, ao comunicacional, ao escolar, ao familiar, ao cultural etc.

Nessa mesma linhagem de preocupação, Elizabeth A. Povinelli (2016) identifica a existência de um conjunto de discursos e táticas, nos tempos que nomeia de liberalismo tardio, que não mais cabem no “fazer viver e deixar morrer” da biopolítica, ou no “fazer morrer e deixar viver” do poder soberano. Para ela, agora convivemos com um outro tipo de poder (que batizou como geontopoder), que instaura as regras que definem a diferença entre o vivo e o inerte, e não mais a diferença entre a vida e a não-vida ou a vida e a morte. Não se trata mais apenas de regular a vida e a morte dos indivíduos, mas do planeta inteiro, com todos os existentes que o formam. Essa nova condição inaugura a necessidade de revisão dos entendimentos sobre vida, pois retira o homem do seu centro, “desantropomorfiza” a associação imediata da vida na Terra com o humano. A oposição vida x morte dá lugar à necessidade de se formular entendimentos sobre vida e inerte, por dois motivos, pelo menos: 1) a morte passou a ser incluída no conceito de vida; e 2) o que antes não podia ser associado com a vida, por ser inerte, agora pede um estatuto ontológico próprio, pois já estamos convivendo com máquinas inteligentes e sensíveis, que falam, reconhecem rostos, conversam entre si, mudam os caminhos no trânsito em tempo real, passam a ser as mãos e os olhos de um cirurgião, “conversam” conosco em portarias de prédios, etc etc.

Chthulusceno

A “desantropomorfização” com a qual Povinelli (2016) trabalha, diz respeito também à passagem do Antropoceno para o Chthulusceno (HARAWAY, 2016). O Antropoceno se refere à idade geológica na qual o homem se tornou a forma de existência dominante, sobrepondo-se a todas as outras forças (geológicas, biológicas, meteorológicas), ou, como diz James Moore, o nome correto do Antropoceno seria Capitaloceno, pois se refere ao resultado material de 500 anos de capitalismo. Isso pode ser reconhecido, por exemplo, no enredamento entre natureza e tecnologia, que não se explora com a frequência devida quando se fala em Antropoceno, bastando lembrar, apenas como um exemplo, o peso da presença dos minerais e dos metais, que permitem os avanços da tecnologia (olhe para o seu celular, atente para os materiais que o

765

Realização:



Apoio:



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





compõem, e a relação entre tecnologia e geologia fica evidente).

Benjamin Bratton⁴ diz que carregamos pequenos pedaços da África em nossos bolsos (in Parikka, 2014, p.36), referindo-se ao mineral coltan⁵, chamado de “o coração dos smartphones” (El País, 25/02/2016), ao lado do qual está também o zinco, do Alaska. Quando a lógica publicitária de produção de obsolescência que regula o Capitaloceno nos leva a trocar permanentemente os equipamentos que nos cercam, não lembramos de nada disso. Esquecemos que a geologia não se refere somente aos materiais que estão enterrados debaixo dos nossos pés. Não refletimos sobre a produção de camadas de fósseis que fazemos (dos equipamentos midiáticos que abandonamos), formando o que Garnet Hertz chama de “zombie media” (mídia zumbi). Os dados impressionam: a Environmental Protection Agency – EPA, em seu relatório de 2013, apontava que esses zumbis somavam 2,37 toneladas. Esses materiais são tóxicos, se somam ao bário, ao lead, ao mercúrio, ao cádmio etc, em uma temporalidade que não morre e continua contaminando a natureza como seu rastro nefasto de “mídia zubi”.

A constituição química da tecnologia precisa ser levada em conta quando se fabula sobre a extensão do comprometimento da natureza, impactando nas possibilidades da vida na Terra. Donna Haraway pensa sobre os graves problemas ecológicos que ameaçam a Terra e propõe modos de nos reconectarmos com nosso planeta e os que nele habitam. Para chamar a atenção para as mudanças em curso, não chama a nossa época de Antropoceno, mas sim de Chthulusceno, preocupada em sublinhar o emaranhamento entre humanos e não-humanos que se estabeleceu. Para ela, o Chthulusceno é o tempo do fazer-com, e não mais da auto-*poiesis* ou do sujeito que se faz sozinho (*self-made man*). É o tempo de enfrentar o problema de viver e

4 Benjamin H. Bratton, nascido em 1968, sociólogo norte-americano que trabalha com filosofia, arte, teoria da arquitetura e do design e ciências da computação, é professor de Artes Visuais e diretor do Centro de Design e Geopolítica na Universidade de San Diego, Califórnia. Escreveu **The Stack: On Software and Sovereignty**, lançado pelo MIT Press, em 2016. (www.bratton.info, acessado em 28/08/2018).

5 Coltan é uma mistura de dois minerais: columbita e tantalita. Da columbita se extrai o nióbio e da tantalita, o tântalo, metais mais cobiçados do que o ouro. Sabendo que 80% das novas reservas encontram-se na República Democrática do Congo, começaremos a vislumbrar porque há uma guerra neste país desde o dia 2 de agosto de 1998, porque dois países africanos como Ruanda e Uganda ocupam militarmente parte do território congolês, e porque já morreram mais de dois milhões de pessoas. O coltan é essencial para as novas tecnologias, estações espaciais, naves tripuladas que se lançam no espaço e às armas mais sofisticadas.

Realização:



Apoio:



GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE MANAUS



Fomento:





morrer em um planeta estragado por nós mesmos. O termo Chthuluceno se compõe de duas raízes gregas: *kthhôn* e *kainos*. *Kainos* identifica o tempo dos começos, e os chtônicos são seres ancestrais e, ao mesmo tempo, recém-surgidos do húmus. Diferenciando-se de Povinelli e seu Geontopower (2016), Haraway propõe um corte na ligação do Chthuluceno com o Antropoceno/Capitaloceno. Prefere caminhar com Viviane Despret, filósofa e cientista que investiga outros seres, humanos e não-humanos. Diz Haraway (2016, p.127): “Ela treina seu ser inteiro, e não apenas a sua imaginação, usando as palavras de Arendt, em ‘ir visitar’ (*‘to go visiting’*)”. E esse “visitar” não é uma prática simples, pois implica em investigar coisas aparentemente familiares com perguntas novas, nascidas do cultivo da curiosidade, que é o traço que pode nos levar um pouco mais adiante, na direção de um encontro. Um encontro do humano com as outras formas de vida, porque sem esse encontro, nada poderá sobreviver. No Chthuluceno, precisamos ser-com-os-outros, para que a vida possa florescer. Mas como praticar encontros em uma sociedade na qual treinamos, várias horas por dia, a comandar sozinhos tudo e todos, apenas pressionando teclas? Ao invés de tentar resolver essa situação, talvez caiba seguir com ela, atendendo ao que Haraway transformou em palavra de ordem: Fique com o Problema! (*Stay with the Trouble!*). E, de preferência, avance a proposta buscando o conceito de comum que Dardot e Laval (2017) propõem (seguindo a leitura, você o encontrará).

Para Haraway (2016), “a recuperação ainda é possível, mas apenas em uma aliança multiespécies, que atravesse a divisão letal entre natureza, cultura e tecnologia, e organismo, linguagem e máquina” (HARAWAY, 2016, p.118). A sobrevivência se dará com as espécies companheiras, as que têm habilidade em responder (responsabilidade), evitando o equívoco que tenta separar humanos e pós-humanos, como se a evolução estancasse em um modelo de humano congelado do tempo, como se a forma do corpo humano pudesse ser mantida, ao longo do tempo, sem transformações. A única possibilidade é a de evitar o prefixo “pós”, uma vez que ele aponta para algo “que vem depois”, quando o que a evolução nos ensina é que as mudanças e as adaptações que promovem não são estancáveis. Os novos corpos que não cessarão de pipocar ao nosso lado, esfumaçando a fronteira entre vivos e não vivos, fazem parte desse processo.

Realização:



Apoio:



SECRETARIA
ESTADUAL DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





Ao insistir na expansão do entendimento de que a sobrevivência corre grave risco ficando atada ao cuidar de apenas uma das espécies (a humana), a proposição de Haraway remete à do livro **Why We Cooperate** (2008), no qual Michael Tomasello, co-diretor do Max Planck *Institute of Evolutionary Anthropology*, em Leipzig, na Alemanha, explica que o *homo sapiens* se adaptou “para agir e pensar cooperativamente em grupos culturais” (p.XV), e que isso se dá pela existência de uma “intencionalidade compartilhada”, uma habilidade que surge da co-evolução entre genes e a construção de nichos (p.XVI). Sim, sabe-se que,

para Rousseau (1712-1778), os homens nascem cooperadores e a sociedade os estraga, e que para Hobbes (1588-1679), eles nascem egoístas e a sociedade os educa. Tomasello⁶ demonstra, através de investigações com crianças entre 12 e 20 meses e com macacos, que a habilidade em cooperar dos humanos é uma combinação de comportamento inato e aprendido.

A cooperação humana se manifesta em forma de ajuda, informação e compartilhamento e, como somos indivíduos muito diferentes, pois são inúmeras as culturas humanas, valores e normas também divergem entre nós. O altruísmo tem um papel importante aí, pois se relaciona com a construção do “nós”, apoiada na intencionalidade compartilhada. Tomasello explica que todos os animais sociais são cooperativos (vivem em grupo, relativamente em paz), pois esta é uma estratégia para enfrentar os seus predadores. Diz que não somos a única espécie a colaborar entre os seus. Pesquisadores demonstraram que macacos capuchinhos e chipanzés também têm noção do que é correto e do que não é. E reforça (2009, p.52) que o principal traço evolutivo é o mutualismo, não o altruísmo: “A estrela é o mutualismo, no qual todos nos beneficiamos da nossa cooperação, mas apenas se trabalharmos juntos, o que podemos chamar de colaboração”. Ao reconhecer o que temos feito contra a vida no planeta e como agimos nas redes sociais, nosso comportamento parece incongruente com nossos traços evolutivos de mutualismo. Talvez caiba refletir sobre a importância da colaboração como um traço relevante na nossa história evolutiva, para que possamos “ficar com o problema”, como sugere Haraway, buscando co-construir um futuro.

6 Nesta pesquisa, Michael Tomasello foi acompanhado por Carol Dweck, Joan Silk, Brian Skyrms e Elizabeth Spelke.

Realização:



Apoio:



SECRETARIA
DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





O comum

Mas como reconhecer a presença da colaboração em um mundo no qual 1 bilhão de pessoas (1/7 da população mundial) vive em extrema pobreza? São mais de 20 milhões de pessoas forçadas a trabalhos abusivos (crianças e mulheres são levadas a se prostituir, muitos fazem trabalho escravo). Currículos com nomes de brancos continuam gerando 50% mais retornos dos empregadores. Voltemos ao corpo. Cerca de 4 bilhões de anos atrás, moléculas se juntaram para formar células; 2 bilhões de anos depois, células se reuniram e se tornaram mais complexas; 1 bilhão de anos adiante, uma parceria entre as células mais complexas deu origem a organismos multicelulares. De partida, a necessidade de juntar foi se revelando como condição para a continuidade, porque o ato de juntar torna mais eficiente a possibilidade de espalhar o material genético, fortalecendo as chances de sobrevivência. Embora não seja tão evidente quanto deveria, a colaboração foi e continua sendo a condição para estarmos aqui, hoje. Todavia, no campo da dança, a colaboração, assim como em toda a sociedade, vem mudando de entendimento – e isso também se relaciona com os novos hábitos cognitivos vindos do viver *on line*, que nos transformaram em crianças mimadas, que não toleram ser contrariadas em suas opiniões e gostos, pois as teclas que pressionamos nos obedecem. Vamos nos desabilitando para o trabalho em colaboração porque, para que ele ocorra, é preciso escuta entre os participantes, que precisam entrar em acordo, para que o objetivo comum possa ser alcançado. Objetivo comum parece não ter mais lugar em um mundo no qual cada um pensa a partir de si mesmo. Quando os egos estão hipertrofiados, os desejos individuais não conseguem praticar a reciprocidade com os desejos do outro. Como desaprendemos a conviver na diversidade, trabalhar em grupo em projetos artísticos também vem se inviabilizando. Sobretudo nos ambientes, como o da dança, nos quais os processos de aprendizagem levam um tempo estendido, que não mais combina com a aceleração que hoje nos pauta. O que era entendido como um grupo, um professor, um diretor, todas essas formas de existentes passaram a ser vistos como instituição disciplinar hierárquica autoritária. Os danos daí advindos pedem pela

769

Realização:



Apoio:



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS





busca do comum enquanto princípio político capaz de nutrir as formas de trabalho, criação, estudo e ensino na dança. Dardot e Laval (2017) apostam em fazer do comum o princípio da transformação do social:

Os movimentos e as lutas que reivindicam o comum, e que vimos surgir em diferentes partes do mundo nesse início de século XXI, são, a nosso ver, prefiguração de novas instituições – pela tendência a querer unir forma e conteúdo meios e objetivo, por desconfiar da delegação a partidos e da representação parlamentar (DARDOT e LAVAL, 2017, p.481)

O comum, tal como o entendemos aqui, significa, antes de tudo, o governo dos homens, das instituições e das regras que eles adotam para organizar suas relações. Portanto, tem raízes na tradição da democracia, em especial na experiência grega. Dá a entender que o único mundo humano desejável é o que se funda, explícita e conscientemente, no agir comum, fonte dos direitos e das obrigações, intimamente ligado ao que, desde os gregos, denominamos justiça e amizade (DARDOT e LAVAL, p. 485)

São vários os comportamentos que vêm se tornando usuais: 1) tornam-se exceções aqueles que permanecem atados, por vários anos, a uma mesma proposta artística de um determinado grupo, coletivo ou professor de dança; 2) a solidão e a depressão se espalham tão exponencialmente, que demandam uma medicalização cada vez mais precoce; 3) se nossas vontades e ideias não são acolhidas, deletamos quem as rejeitou; 4) lemos textos cada vez mais curtos; 5) um dilúvio cada vez mais espesso de informações nos são enviadas todos os dias.

A sequência poderia ser bastante estendida, para configurar a relação entre as nossas práticas *on* e *off-line*, e nos ajudar a entender, por exemplo, porque vai rareando o interesse em dedicar anos a fio para se formar com um mesmo professor ou em uma técnica de dança. Parece não combinar com o cotidiano frenético de produção de novidades em que vivemos. Estamos já em outro tempo, pautados pela concorrência que determinará quem terá sucesso, e nele precisamos assentar a nossa reflexão, sem cair no maniqueísmo simplista de buscar culpados e condecorar heróis.

Saber como o corpo funciona ajuda a evitar muitos equívocos e a encontrar argumentos que nos levem na direção do comum entendido como substantivo (DARDOT E LAVAL, 2017). O

Realização:



Apoio:



SECRETARIA DE CULTURA



MANAUSCULT



Fomento:





comum enquanto um princípio (não um início, que depois fica para trás; não um ponto de partida do qual, depois, não se recorda). Um princípio, uma premissa que fundamenta um começo que não deixa de continuar a ser começado.

Se entendermos o comum como um princípio político que pede de cada um de nós a participação em uma mesma atividade, que, então, se torna co-atividade, reunindo obrigação e ação (obrigação), começaremos a viabilizar o sentido de pertencimento, hoje enfraquecido. A dança, por se realizar no corpo e por necessitar de um fazer dedicado, tem a aptidão de cindir o que vai se homogeneizando nos hábitos cognitivos vindos do viver *online*, e já escorridos para quando estamos *off line*. Precisamos “ficar com o problema” de saber lidar com a dança nos tempos de agora, como sugere Haraway (2016), e continuar a ‘desantropomorfizar’ os entendimentos de mundo, seguindo Povinelli (2016), de modo a não separar o corpo cercado de telas do corpo que faz dança.

Referências bibliográficas:

AGAMBEN, Giorgio. **O Uso dos Corpos**. (Homo Sacer, IV, 2). 1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. **Comum**. Ensaio sobre a Revolução no Século XXI. Tradução Mariana Echalat. 1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

POVINELLI, Elizabeth A. **Geontologies**. A Requiem to Late Capitalism. Durham: Duke University Press, 2016.

HARAWAY, Donna J. **Staying with the Trouble**. Making Kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.

PARIKKA, Juri. **The Anthroscene**. Minneapolis: Minnesota University Press, 2014.

TOMASELLO, Michael. **Why We Cooperate**. Cambridge: The MIT Press Books, 2009.

* Professora no Curso Comunicação das Artes do Corpo e no Programa em Comunicação e Semiótica, na PUC-SP, onde coordena o CED – Centro de Estudos em Dança. katz@ced.pro.br

Realização:



Apoio:



Fomento:

